



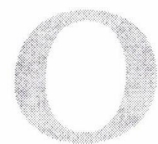
INFORME-SE



ÁREA PARA ASSUNTOS FISCAIS E DE EMPREGO – AFE Nº 50 – JANEIRO DE 2003

FIRMAS E EMPREGO

Demografia das Firms Brasileiras

BNDES
Centro de Pesquisa
de Informações e Dados

O objetivo deste Informe-se é fornecer um quadro da dinâmica recente de sobrevivência das firmas formais no Brasil, por porte e por região geográfica. Observou-se, no período de 1995 a 2000, uma redução gradativa nas taxas de mortalidade dos micros e pequenos estabelecimentos, o que sugere que essas firmas vêm desenvolvendo capacidade para responder aos desafios da globalização da economia. Em relação às taxas de natalidade, verificou-se serem pouco sensíveis às oscilações na atividade econômica. Apenas em 1997 ocorreu significativa elevação dessa taxa, provavelmente devido à instituição do Simples em dezembro de 1996, que estimulou a formalização de pequenos negócios. Em termos regionais, percebeu-se um crescimento na participação das regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste no total de firmas em atividade no País. A queda de participação da região Sudeste decorreu, principalmente, de suas menores taxas de natalidade em relação às de outras regiões.

1 – Introdução

Nos últimos anos tem aumentado o interesse do meio acadêmico e dos formuladores de políticas públicas pelas firmas de menor porte. O papel das pequenas unidades econômicas pode ser mais bem compreendido quando se observam as métricas das variáveis demográficas das firmas formais no Brasil: a participação em 2000 das firmas com até 19 empregados – consideradas microestabelecimentos – representava 93% do total, 97% dos nascimentos e 99% das mortes.

A dinâmica recente da economia brasileira tem induzido a uma maior participação dos estabelecimentos de menor porte na atividade econômica. Existem diversas explicações possíveis para esse movimento, dentre as quais podemos elencar:

1. a globalização econômica impôs a necessidade de as firmas se tornarem mais eficientes, através da especialização naquilo em que possuíam vantagem comparativa,

o que levou as grandes firmas a terceirizarem atividades de apoio ao negócio principal;

2. têm ocorrido movimentos de redução de porte das firmas associados ao aumento da produtividade dos trabalhadores;
3. os micros, pequenos e médios estabelecimentos (MPMEs) têm demonstrado ser estruturas bastante flexíveis, capazes de responder melhor a um mundo que crescentemente valoriza a agilidade; e
4. o Regime Simplificado de Tributação (Simples), instituído em dezembro de 1996, ao conceder tratamento tributário diferenciado para as MPMEs, incentivou o processo de formalização de micronegócios.

O objetivo deste Informe-se é fornecer um quadro da dinâmica de sobrevivência das firmas no Brasil, por porte e por região geográfica. Esse quadro pode ajudar a compreender o papel econômico das micros e pequenas fir-

mas, bem como evidenciar seu potencial de desenvolvimento. Pretende-se, em próximos Informes, detalhar a análise para o nível estadual.

2 – Metodologia

Os dados deste estudo foram obtidos a partir do Cadastro de Estabelecimentos Empregadores (CEE) do Ministério do Trabalho e Emprego, de agosto de 2002, que toma por base a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), um questionário respondido anualmente, em caráter compulsório, pelas firmas do mercado formal. O questionário contém informações sobre os trabalhadores de cada estabelecimento em 31 de dezembro de cada ano.

A unidade de contagem utilizada foi o estabelecimento (ou firma), e não a empresa. Um estabelecimento é caracterizado por um endereço postal. Assim, uma mesma empresa pode ter vários estabelecimentos. A principal vantagem desse procedimento é a possibilidade de realizar análises regionais. Em contrapartida, um pequeno viés é introduzido, na medida em que um conjunto de micros e pequenos estabelecimentos se constitui de filiais de empresas de grande porte. Adicionalmente, empresas que realizam obras em diferentes estados e contratam mão-de-obra temporária utilizam extensões do mesmo CNPJ, que são consideradas, neste estudo, como firmas distintas da matriz. Simulações para o ano de 1996 demonstraram que, caso esses dois grupos de firmas fossem retirados do estudo, a alteração da taxa de mortalidade seria pouco significativa.

Neste *Informe-se* somente entrarão na análise firmas empregadoras, ou seja, aquelas que empregaram ao menos um trabalhador ao longo do ano, mesmo que na época da RAIS não contassem com nenhum empregado.¹ O porte do estabelecimento foi definido em função do número de trabalhadores formais declarados na RAIS, conforme detalhado a seguir:

- **microestabelecimentos** – foram divididos em três subgrupos, em função das diferenças observadas nas taxas de natalidade, crescimento e mortalidade:

- **tipo 1** – sem empregados em dezembro;
- **tipo 2** – de 1 a 4 empregados;
- **tipo 3** – de 5 a 19 empregados;

- **pequeno porte** – de 20 a 99 empregados;
- **médio porte** – de 100 a 499 empregados; e
- **grande porte** – acima de 500 empregados.

O presente estudo cobre o período de 1992 a 2000. Entretanto, devido a alterações na classificação econômica dos empreendimentos a partir de 1995, optou-se por tomar esse como ano base da análise. O ano de 2000 é o último para o qual há informações disponíveis. Os eventos observáveis, que serão objeto de estatísticas, foram:

- variáveis de estoque: **número de firmas ao final de cada ano;**
- variáveis de fluxo: **nascimento, mudança de porte e morte de firmas.**

O **nascimento** de um estabelecimento em um determinado ano é caracterizado pela resposta à RAIS nesse ano e, necessariamente, pela inexistência de respostas em todos os anos anteriores em que se dispõe de informações. Por exemplo, um nascimento em 1996 é contabilizado se a firma respondeu à RAIS de 1996 e não respondeu em 1992, 1993, 1994 e 1995.

A **morte** de uma unidade é contabilizada em um determinado ano se há resposta à RAIS dessa firma no ano anterior e, necessariamente, não há nenhuma resposta no ano em análise e nos posteriores.

Movimentos de contratações e desligamentos de trabalhadores, que alterem a classificação por porte, são contabilizados em **mudança de porte**. Tais mudanças decorrem de variações na quantidade de empregados em unidades ativas classificadas anteriormente em outra categoria. Por exemplo, o aumento no número de firmas pequenas que sobreviveram entre dois anos consecutivos pode ser resultante de dois movimentos: microfirms que contrataram trabalhadores e passaram a ser classificadas em um porte superior e/ou firmas de médio e grande porte que reduziram seus quadros e passaram a ser enquadradas em um porte menor. Um valor positivo

¹ No ano de 2000, havia 2,9 milhões de firmas não empregadoras no Brasil. Esse universo não foi considerado no estudo devido à ausência de dados para o período anterior a 1998.

de mudança de porte revela que a quantidade de firmas de outros portes que ingressou em um determinado segmento superou o número de firmas desse segmento que migrou para outras classificações de porte entre dois anos consecutivos. Como os movimentos de mudança de porte se compensam, o valor líquido total de mudança de porte é nulo ao longo de um mesmo ano.

A análise do CEE mostrou que, apesar da obrigatoriedade, firmas deixam de responder à RAIS em determinados anos e voltam a reportá-la em anos posteriores. A cada omissão corresponderia, portanto, uma morte e um nascimento inexistentes. Observou-se um nível médio de omissões em torno de 5% em cada RAIS, principalmente concentradas nas microfirms com até quatro empregados. A metodologia adotada neste estudo procurou compensar as omissões nas RAIS do período estudado, de forma a que os resultados apresentados refletissem da forma mais precisa possível o mercado formal de firmas empregadoras no período de 1995 a 2000.

3 – Análise por Porte

Ao final de 2000, o Brasil contava com 2,3 milhões de firmas empregadoras,² responsáveis pela contratação de 26,6 milhões de trabalhadores. A grande maioria (93,0%) possuía menos de 20 empregados (microestabelecimentos), enquanto que as pequenas respondiam por 5,6% do número de firmas empregadoras, as médias representavam 1,1% e as grandes apenas 0,2%. Entre 1995 e 2000, o número de firmas no País aumentou em 477,4 mil unidades. As firmas de menor porte foram as principais responsáveis por esse movimento: dentre as unidades criadas, 96,4% eram microestabelecimentos; 3,4% pequenos; 0,2% médios; e apenas 0,04% eram grandes.

3.1 – Evolução do Número de Firms no Período 1995-2000

A Tabela 1 mostra a evolução do número de firmas entre 1995 e 2000, com dados desagregados por porte. Também estão incluídas na tabela informações sobre a movimentação líquida de mudanças de porte no período.

² Diferença entre os resultados deste Informe-se e aqueles apresentados nos Informe-se 32 e 46 deve-se ao tratamento estatístico aplicado para eliminar as omissões nos registros.

Dentre os resultados obtidos, pode-se destacar:

- O número de firmas vem crescendo consistentemente ao longo do período, em todos os portes. O ano de maior crescimento no número total de firmas foi 1997 (131 mil) e o de menor, 1996 (74 mil). Em média, a cada ano, foram criadas 314 mil firmas e fechadas 219 mil.
- Os microestabelecimentos apresentaram, em geral, expressiva natalidade.
- Com exceção de firmas de porte micro1 (sem empregados em dezembro), observa-se que os nascimentos superaram as mortes em todos os anos. O aumento de unidades nos estabelecimentos do tipo micro1, o excesso de mortes sobre os nascimentos tem sido compensado pela grande quantidade de firmas de maior porte que reduziram seu quadro de pessoal para zero empregado.
- Observaram-se valores negativos de mudança de porte em pequenos, médios e grandes estabelecimentos entre 1995 e 1999, enquanto em 2000 esses valores se tornaram positivos. Isto sugere que a tendência de redução no porte que vinha ocorrendo na segunda metade da década de 90 foi interrompida.

As características numéricas descritas sugerem algumas hipóteses.

Em primeiro lugar, a expressiva natalidade de micronegócios pode estar relacionada a firmas que iniciam suas operações em pequena escala e aumentam seu porte de acordo com a lucratividade das operações.

Por outro lado, os estabelecimentos sem empregados morrem em maior quantidade que as demais unidades. Uma possível explicação é a de que a dificuldade de inserção no mercado de trabalho leva as pessoas a serem empreendedoras por necessidade. Segundo o Global Entrepreneurship Monitor de 2002, há duas motivações básicas para se abrir uma firma: 1) percepção de uma oportunidade de negócio; e 2) necessidade de renda. De um estudo englobando 37 países desenvolvidos e em desenvolvimento, o Brasil aparece na primeira colocação, quando o critério de classificação é a falta de alternativa de renda satisfatória como principal causa do empre-

Tabela 1
Evolução do Número de Firms no Brasil – 1995/2000
 (em mil)

	Micro			Pequena (20-99)	Média (100-499)	Grande (500 +)	Total
	(0 empregado)	(1-4)	(5-19)				
Nº de Firms em 1995	227,7	1.081,0	400,8	114,4	25,7	5,10	1.854,6
Natalidade em 1996	40,5	195,8	36,1	6,8	0,9	0,13	280,4
Mortalidade em 1996	129,7	60,0	12,8	3,3	0,6	0,11	206,6
Mudança de porte	106,7	-93,4	-11,0	-1,8	-0,4	-0,16	0,0
Nº de Firms em 1996	245,2	1.123,4	413,1	116,2	25,6	4,96	1.928,5
Natalidade em 1997	44,4	240,8	46,2	8,0	1,1	0,15	340,7
Mortalidade em 1997	138,2	55,9	11,7	2,9	0,5	0,08	209,3
Mudança de porte	105,0	-102,6	0,2	-1,9	-0,6	-0,21	0,0
Nº de Firms em 1997	256,4	1.205,7	447,8	119,4	25,6	4,82	2.059,8
Natalidade em 1998	41,9	217,7	40,3	7,2	1,2	0,21	308,5
Mortalidade em 1998	150,7	62,5	12,5	2,9	0,6	0,08	229,3
Mudança de porte	130,2	-116,1	-9,5	-3,8	-0,7	-0,07	0,0
Nº de Firms em 1998	277,8	1.244,9	466,1	119,8	25,4	4,89	2.139,0
Natalidade em 1999	39,7	218,3	44,1	8,0	1,3	0,19	311,5
Mortalidade em 1999	155,6	57,9	11,1	2,5	0,6	0,08	227,8
Mudança de porte	139,3	-121,0	-15,0	-2,7	-0,7	-0,04	0,0
Nº de Firms em 1999	301,2	1.284,3	484,1	122,6	25,4	4,96	2.222,7
Natalidade em 2000	42,4	230,7	45,6	9,0	1,4	0,18	329,3
Mortalidade em 2000	156,2	50,7	9,8	2,6	0,5	0,08	220,0
Mudança de porte	148,3	-143,0	-7,7	1,8	0,3	0,25	0,0
Nº de Firms em 2000	335,6	1.321,3	512,2	131,0	26,6	5,32	2.332,0

Fonte: elaboração própria a partir de dados do CEE/MTE.

Número de Firms em (t) = Número de Firms em (t-1) + Natalidade em (t) – Mortalidade em (t) + Mudança de Porte em (t).

endedorismo.³ Um empreendedor que abre uma firma por necessidade, e não por enxergar uma oportunidade de negócio, tem mais chances de ser malsucedido.⁴

Uma explicação adicional para a elevada taxa de mortalidade desse grupo (sem empregados) é que ele inclui um conjunto de estabelecimentos em processo de extinção, não necessariamente de microestabelecimentos, e que, ao encerrar suas atividades, mantêm um endereço até o fechamento legal da firma. Esse argumento é baseado na expressiva redução de porte das unidades maiores em direção ao porte de zero empregado, como já observado na Tabela 1.

Com relação à mudança de porte, pode ser observado na Tabela 1 que, entre 1995 e 1999, os valores dessa variável eram negati-

vos em unidades de maior porte e positivos para as de menor, o que sugere um movimento geral de redução no número de empregados nas firmas. Esse movimento pode ter refletido tanto políticas de ajustamento gerencial à crescente abertura comercial, tais como terceirização de atividades e aumento de produtividade das firmas, quanto redução do tamanho das firmas em função das modestas taxas de crescimento econômico do período. Em 2000, os valores positivos de mudança de porte observados nas unidades maiores indicavam uma interrupção dessa tendência, com aumento líquido no número de pequenas, médias e grandes firmas decorrente do crescimento de unidades de menor porte, possivelmente associado ao maior crescimento do PIB em 2000.⁵

A Tabela 2, apresenta a dinâmica de mudança de porte para o conjunto das 2.002.714

³ O Global Entrepreneurship Monitor de 2002 está disponível na Internet no site www.gemconsortium.org.

⁴ Uma avaliação focada nas unidades micro1 nascidas em 1998, mostra que 66% não sobreviveram ao ano de 1999.

⁵ Crescimento do PIB em % ao ano: 4,2 em 1995; 2,7 em 1996; 3,3 em 1997; 0,1 em 1998; 0,8 em 1999 e 4,4 em 2000.

Tabela 2
Mudança de Porte em Estabelecimentos Sobreviventes (1999-2000)

		Porte 2000						
		(0 empr.)	(1-4)	(5-19)	(20-99)	(100-499)	(500 +)	Total
Porte 1999	(0 empr.)	96.923	44.821	2.833	345	28	7	144.957
	(1-4)	172.283	981.424	78.103	1.653	127	15	1.233.605
	(5-19)	20.160	62.052	372.040	19.795	231	20	474.298
	(20-99)	3.370	2.109	13.345	97.751	3.458	56	120.089
	(100-499)	447	220	252	2.336	20.979	644	24.878
	(500+)	52	22	14	44	357	4.398	4.887
	Total	293.235	1.090.648	466.587	121.924	25.180	5.140	2.002.714

unidades existentes em 1999 e que continuavam ativas em 2000. Essa tabela permite a análise detalhada das mudanças de porte já comentadas anteriormente. No eixo horizontal, as firmas foram classificadas segundo o porte que elas apresentavam em 1999, enquanto que no eixo vertical a estratificação segue o porte em 2000.

Para um exemplo de leitura da Tabela 2, pode-se observar que o número de firmas de médio porte (100-499 empregados), entre as firmas que sobreviveram de 1999 para 2000, cresceu de 24.878 para 25.180 entre esses anos. Das 25.180 médias firmas sobreviventes em 2000, 20.979 (83,3%) mantiveram o porte de 1999, 3.844 (15,3%)⁶ cresceram entre 1999 e 2000, enquanto 357 (1,4%) reduziram seu porte nesse mesmo período.

A Tabela 3 complementa a tabela anterior, ao apresentar o reflexo no emprego formal resultante das mudanças de porte nas firmas existentes em 1999 que continuaram ativas em 2000. Enquanto os 4.887 grandes estabelecimentos (porte 99) que sobreviveram apresentaram uma redução líquida de 122 mil postos de trabalho, as 1.233.605 micros (de 1 a 4 empregados) foram responsáveis pela contratação líquida de 107 mil trabalhadores em 2000.

3.2 – Taxas de Natalidade e Mortalidade

Uma outra forma de analisar a criação e o fechamento de firmas consiste em calcular as respectivas taxas de natalidade e mortalidade, definidas como a relação entre o número de nascimentos e mortes de firmas de um de-

terminado porte em determinado ano e o estoque de firmas desse mesmo porte existente ao final do ano anterior. Os Gráficos 1 e 2 mostram, respectivamente, as taxas de natalidade e mortalidade das firmas com um ou mais empregados.⁷

Algumas observações decorrentes dos gráficos são descritas a seguir:

- As taxas de natalidade mostram um comportamento estável e decrescente com o porte. Essa estabilidade se mantém inclusive em 2000, quando se observou um crescimento do PIB superior aos anos anteriores. A exceção a esse comportamento foi 1997, quando houve uma “bolha” de nascimentos de microestabelecimentos, possivelmente em virtude da formalização de pequenos negócios estimulados pela instituição do Simples, em dezembro de 1996.
- As taxas de mortalidade em 1996 e 1997 eram decrescentes com o porte das firmas. A partir de 1998, as firmas de médio porte apresentaram um surpreendente aumento da mortalidade, com a respectiva taxa ultrapassando a de pequenas empresas.
- Os dados mostram uma tendência de queda na mortalidade nos micros e pequenos estabelecimentos no período estudado, com exceção de um ligeiro repique em 1998.
- Nas grandes unidades, a taxa de mortalidade foi estável em todo o período.

⁶ Obtém-se esse número pela adição dos valores da mesma coluna: 28, 127, 231 e 3.458.

⁷ As firmas com zero empregado (micro 1) não foram incluídas, pois a elevada taxa de mortalidade observada nesse segmento dificultaria a visualização do comportamento das firmas de maior porte em um mesmo gráfico.

Tabela 3
Variação no Emprego Formal nas Firms que Sobreviveram entre 1999 e 2000

Porte 99	Número de estabelecimentos	Trabalhadores em 1999 (em mil)	Trabalhadores em 2000 (em mil)	Variação Líquida	
				(em mil)	%
Micro 0	144.957	—	116	116	—
Micro 1	1.233.605	2.356	2.463	107	4,56
Micro 2	474.298	4.202	4.223	21	0,51
Pequena	120.089	4.750	4.763	13	0,28
Média	24.878	5.111	5.115	5	0,09
Grande	4.887	8.471	8.349	-122	-1,48
Total	2.002.714	24.890	25.030	140	0,58

Fonte: elaboração própria a partir de dados do CEE/MTE.

Gráfico1 – Taxas de Natalidade de Firms no Brasil, por porte: 1996-2000 (%)

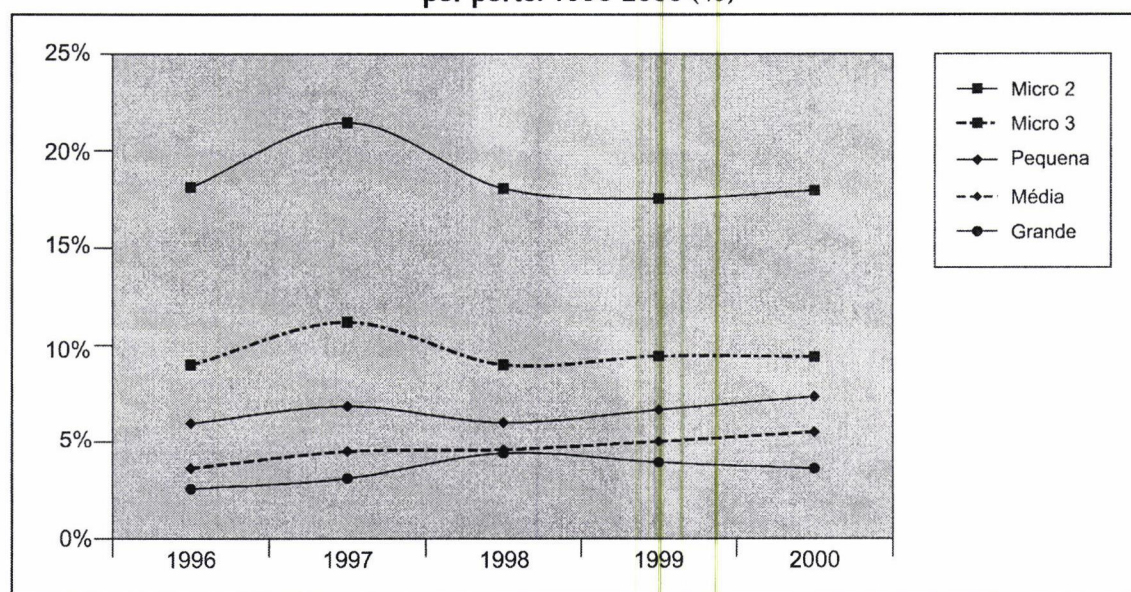


Gráfico2 – Taxas de Mortalidade de Firms no Brasil, por porte: 1996-2000 (%)

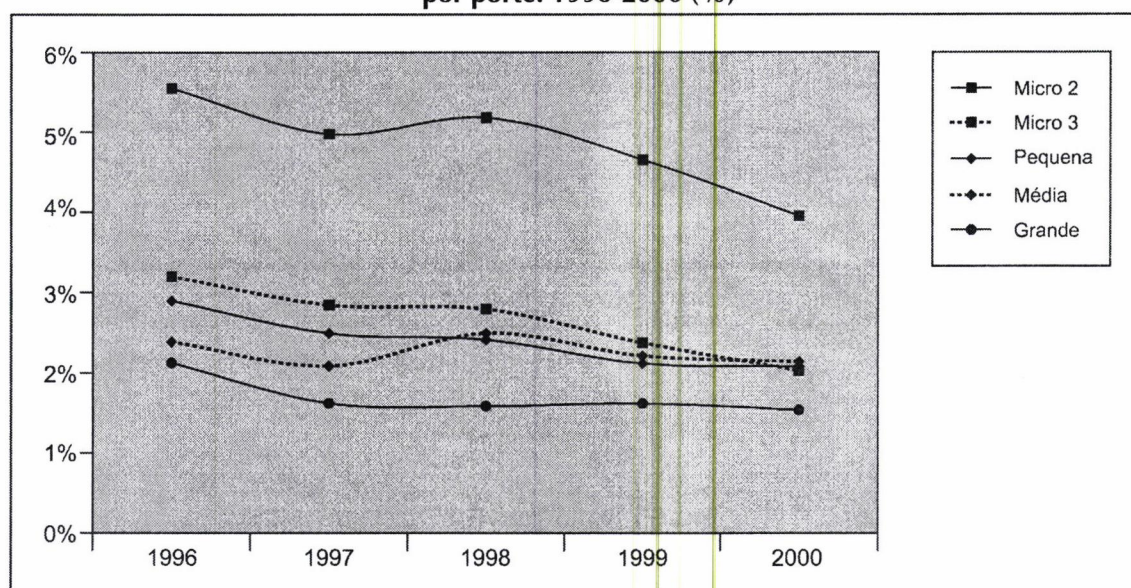


Tabela 4
Evolução do Número de Firms no Brasil por Região - 1995/2000
 (em mil)

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	Núm	Taxa (%)	Núm	Taxa (%)	Núm	Taxa (%)	Núm	Taxa (%)	Núm	Taxa (%)
Nº de Firms em 1995	42,4		210,2		1.070,6		403,9		127,5	
Natalidade em 1996	9,7	23	39,8	19	148,9	14	58,6	14	23,4	18
Mortalidade em 1996	5,1	12	22,5	11	116,7	11	46,9	12	15,4	12
Nº de Firms em 1996	47,0		227,5		1.102,7		415,6		135,6	
Natalidade em 1997	11,6	25	45,4	20	175,5	16	78,0	19	30,2	22
Mortalidade em 1997	5,5	12	25,2	11	117,3	11	46,3	11	15,0	11
Nº de Firms em 1997	53,1		247,7		1.160,9		447,3		150,8	
Natalidade em 1998	11,1	21	42,6	17	157,4	14	69,6	16	27,9	18
Mortalidade em 1998	6,5	12	28,1	11	127,0	11	50,4	11	17,3	11
Nº de Firms em 1998	57,6		262,2		1.191,2		466,5		161,4	
Natalidade em 1999	10,6	18	45,2	17	158,4	13	68,9	15	28,4	18
Mortalidade em 1999	7,1	12	27,7	11	124,5	10	50,8	11	17,6	11
Nº de Firms em 1999	61,2		279,7		1.225,1		484,6		172,2	
Natalidade em 2000	12,2	20	47,5	17	164,8	13	73,0	15	31,8	18
Mortalidade em 2000	7,0	11	28,5	10	119,0	10	47,1	10	18,3	11
Nº de Firms em 2000	66,3		298,7		1.270,9		510,5		185,6	

Fonte: elaboração própria a partir de dados do CEE/MTE.

formais no Brasil. Em particular, os resultados reforçam as hipóteses levantadas no início do estudo que justificariam esse fenômeno:

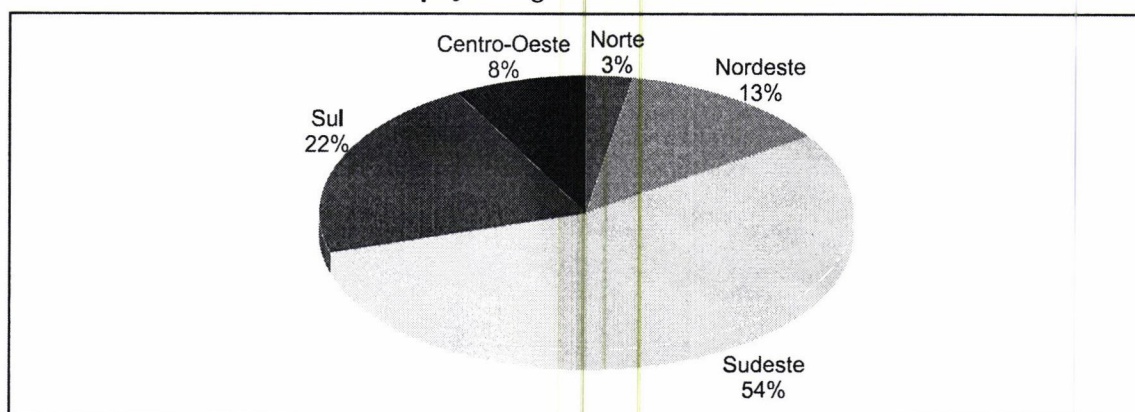
- Entre 1995 e 1999, houve, em média, um movimento de redução no tamanho das firmas. Esse movimento pode ter refletido tanto estratégias de ajustamento gerencial à crescente abertura comercial, tais como terceirização de atividades e aumento de produtividade, quanto redução das firmas em função das modestas taxas de crescimento econômico do período. Em 2000, esse movimento foi interrompido, com aumento líquido no número de pequenas, médias e grandes firmas, decorrente do crescimento de unidades de menor porte, possivelmente associado ao término do processo de reestruturação produtiva e ao maior crescimento do PIB em 2000.
- As taxas de mortalidade dos micros e pequenos estabelecimentos têm se reduzido significativamente nos últimos anos, o que sugere que essas firmas vêm desenvolvendo capacidade para responder à globalização da economia e a uma demanda que prioriza a agilidade.
- As maiores taxas de natalidade ocorreram em 1997, sobretudo nas micros e pequenas firmas. Assim, há evidências de que a instituição do Simples, em dezembro de

1996, tenha provocado um movimento de formalização de micronegócios.

Dentre os demais resultados obtidos no estudo, pode-se destacar que:

- A taxa de natalidade demonstrou ser pouco sensível às oscilações na atividade econômica, com poucas diferenças nesse percentual para os anos de 1996, 1998, 1999 e 2000, apesar de as taxas de crescimento da economia terem sido bastante distintas.
- Foram observadas variações entre as taxas de natalidade quando desagregadas por porte e região geográfica. Os percentuais foram maiores nas firmas de menor porte e nas regiões Norte e Centro-Oeste.
- As diferenças entre as taxas de mortalidade foram significativas quando analisadas por porte, mas pouco relevantes em termos regionais.
- A investigação das unidades que existiam em 1999 e continuaram em atividade em 2000 revela que o crescimento no número de empregados nos MPMEs mais do que compensou a redução no emprego nas grandes firmas.

Nos próximos números desta publicação pretende-se aprofundar o estudo sobre a criação e o fechamento de firmas por unidade da federação.

Gráfico3 – Participação Regional no Total de Firms em 2000

- A partir de 1998, ocorre a convergência das taxas de mortalidade das micros 3 (com entre 5 e 19 empregados), pequenas e médias firmas.

4 – Análise por Região

A grande maioria das firmas brasileiras está localizada no Sudeste. Em 2000, essa região respondia por 54% dos estabelecimentos do país. Em seguida, estão o Sul, com uma participação de 22%, o Nordeste (13%), o Centro-Oeste (8%) e o Norte (3%). Tal concentração regional, no entanto, tem se reduzido nos últimos anos. De fato, em 1995, o Sudeste abrigava 58% das firmas do país, quatro pontos percentuais a mais do que em 2000. No Nordeste, o crescimento foi de 2 pontos percentuais no período, enquanto, tanto no Centro-Oeste quanto no Norte, o aumento foi de 1 ponto percentual. Já a região Sul manteve constante sua participação no número total de firmas.

A elevada concentração de firmas no Sudeste e Sul dificulta a percepção das transformações que vêm ocorrendo nas demais regiões. O Gráfico 4, a seguir, mostra que o crescimento no

número de firmas nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste foi bem superior ao das regiões Sul e Sudeste no período 1995/2000.

A Tabela 4 mostra a evolução do número de firmas entre 1995 e 2000, desagregada por região. Por exemplo, os dados revelam um aumento de 200,3 mil firmas no Sudeste (277,1 mil nas demais regiões). Esse aumento resultou da criação de 805 mil firmas no Sudeste (765 mil no restante do País) e do fechamento de 605 mil firmas no Sudeste (488 mil nas demais regiões).

As taxas de nascimentos são mais heterogêneas do que as taxas de mortalidade. A região Sudeste apresenta as menores taxas, tanto de natalidade quanto de mortalidade, entre todas as regiões. A queda de participação desta região no total do país no período estudado é explicada pela menor taxa de natalidade.

5 – Conclusões

Os resultados obtidos no estudo mostram o crescimento da importância das firmas de menor porte no conjunto de firmas empregadoras

Gráfico 4 – Crescimento no Número de Firms: 1995 a 2000 (%)